



WAR

LAURA THALASSA

THE FOUR HORSEMEN: BOOK TWO



AVISO I

Esta tradução foi feita por fãs para fãs, sem qualquer propósito de Lucro. Pedimos que se estiver dentro de suas possibilidades financeiras adquirira o livro físico ou no formato e-book.

O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros se destina, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho do grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.



AVISO 2

Nunca comente com o autor ou seus conhecidos que leu o livro do mesmo em português, e muito menos envie o arquivo ou cite o nome do grupo que fez a tradução.

Se quer continuar a ter acesso aos livros que não tem nenhuma previsão de lançamento no Brasil, mantenha sua boca e dedos calados.

Respeite o nosso trabalho voluntário e se realmente quiser ajudar o autor, compre um livro dele para contribuir, os autores vivem disso e temos que a fazer nossa parte. Você pode adquirir no formato e-book em vários sites oficiais, assim vai ajudar o grupo e aos nossos amados autores.

Não publique nossas traduções em Sites, Wattpad, Facebook, Blogger ou qualquer lugar público na internet.

Faça sua parte e terá leitura por muito tempo!





EQUIPE DE TRADUÇÃO



ENVIO: KAKA

TRADUÇÃO MECÂNICA: MIH

TRADUÇÃO: SILVIA

PRIMEIRA REVISÃO: EQUIPE PEGASUS MC & GOSTOSÕES

SEGUNDA REVISÃO: BEC'D. CROW

LEITURA F. E FORMATAÇÃO: BEC'D. CROW



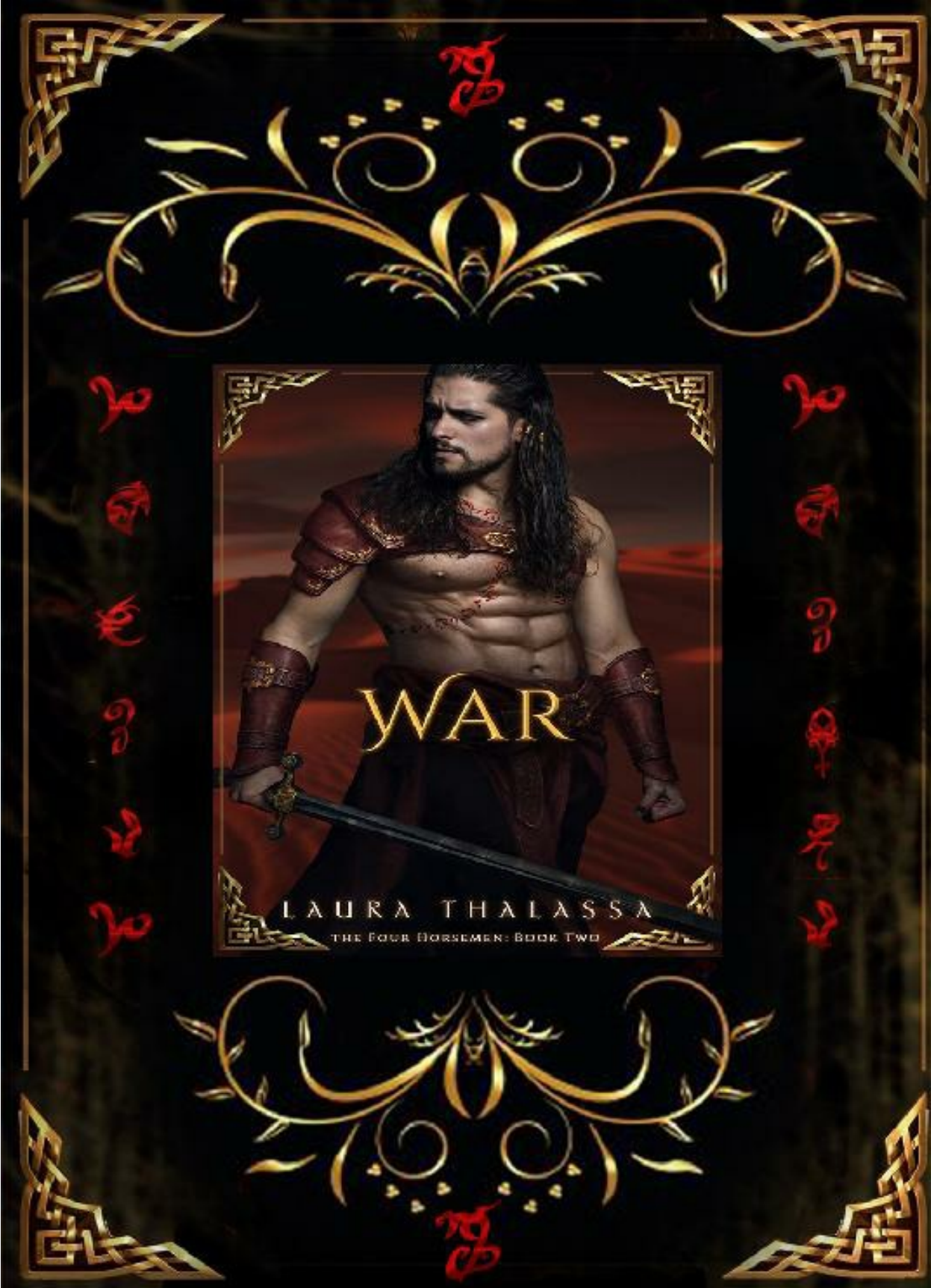
Série

THE FOUR HORSEMAN



LAURA THALASSA





WAR

LAURA THALASSA

THE FOUR HORSEMEN: BOOK TWO

Image

Sumário

[Sumário](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Capítulo Trinta e Três](#)

[Capítulo Trinta e Quatro](#)

[Capítulo Trinta e Cinco](#)

[Capítulo Trinta e Seis](#)

[Capítulo Trinta e Sete](#)

[Capítulo Trinta e Oito](#)

[Capítulo Trinta e Nove](#)

[Capítulo Quarenta](#)

[Capítulo Quarenta e Um](#)

[Capítulo Quarenta e Dois](#)

[Capítulo Quarenta e Quatro](#)

[Capítulo Quarenta e Cinco](#)

[Capítulo Quarenta e Seis](#)

[Capítulo Quarenta e Sete](#)

[Capítulo Quarenta e Oito](#)

[Capítulo Quarenta e Nove](#)

[Capítulo Cinquenta](#)

[Capítulo Cinquenta e Um](#)

[Capítulo Cinquenta e Dois](#)

[Capítulo Cinquenta e Três](#)

[Capítulo Cinquenta e Quatro](#)

[Capítulo Cinquenta e Cinco](#)

[Capítulo Cinquenta e Seis](#)

[Capítulo Cinquenta e Sete](#)

[Capítulo Cinquenta e Oito](#)

[Capítulo Cinquenta e Nove](#)

[Capítulo Sessenta](#)

[Capítulo Sessenta e Um](#)

[Capítulo Sessenta e Dois](#)

[Capítulo Sessenta e Três](#)

[Epílogo](#)

[Fim...Por enquanto.](#)

[Nota do Autor](#)



Quando abriu o segundo selo, ouvi o segundo ser vivente, dizendo: — Vem e vê. — Saiu outro cavalo vermelho, e ao que estava assentado sobre ele, foi concedido que tirasse a paz da terra e que os homens se matassem uns aos outros; e foi-lhe dada uma grande espada.

- *Apocalipse 6: 3-4 NVI*



Chore *Havoc* e solte os cães de guerra;
Que o cheiro deste ato asqueroso
Caia sobre a terra e se misture ao fedor pestilento
Dos mortos suplicando sepultura.

– *Shakespeare*

Sumário

Quatro cavalheiros vieram para a Terra — Peste, Guerra, Fome e Morte — quatro cavaleiros corcéis que gritavam, correndo para os quatros cantos do mundo. Quatro cavalheiros com o poder de destruir toda a humanidade. Vieram à Terra para acabar conosco.

No dia em que Jerusalém cai, Miriam Elmahdy sabe que sua vida acabou. As casas estão em chamas, as ruas cheias de sangue e um exército traidor está massacrando cada último residente. Não se pode sobreviver a isto, especialmente quando Miriam chama a atenção do próprio Guerra. Mas o cavaleiro enorme e aterrador encurrala Miriam, a chama de esposa e em lugar de matá-la, a leva de volta para seu acampamento.

Agora Miriam enfrenta um futuro aterrador, um no qual vê o mundo arder de país em país e o único homem responsável por tudo isso é seu *marido* aparentemente indestrutível. Mas há um outro lado dele, um que é gentil, amoroso e está decidido a conquista-la e pode ser que não seja forte o suficiente para resistir.

No entanto, se há algo que Miriam aprendeu, é que o amor e a guerra não podem coexistir. E então, ela deve tomar a decisão final: render-se a guerra e ver cair a humanidade ou sacrificar tudo e impedi-lo.

Copyright July 10th 2019 by Laura Thalassa

Capítulo Um

Ano 13 dos Cavaleiros

Jerusalém, Nova Palestina

O dia começa como a maioria dos outros. Com um pesadelo.

A explosão ruge pelos meus ouvidos, a força me derrubando na água.

Trevas. Nada. Então...

Solto um suspiro. Há água e fogo e... e... Deus a dor... dor, dor, dor. A mordida afiada quase rouba minha respiração.

— Mamãe, mamãe!

Não posso vê-la. Não posso ver ninguém.

— Mamãe!

O céu balança sobre mim. Eu tusso com a fumaça. Minha bolsa está enrolada no tornozelo e está me arrastando para baixo, para baixo, para baixo.

Não. Eu preciso chutar e voltar à superfície, mas apesar dos meus esforços, se afasta cada vez mais do alcance.

Meus pulmões ardem. A luz do sol acima fica fraca, mesmo enquanto luto.

Abro minha boca para pedir ajuda.

A água entra em...

Sento na cama ofegante.

Posso ouvir meu relógio de parede o pêndulo balançando para frente e para trás, para frente e para trás.

Toco a cicatriz na base da minha garganta enquanto seguro minha respiração. Meus lençóis estão enrolados ao redor dos meus tornozelos. Eu me desenrolo e saio da cama.

Agarrando uma caixa de fósforos próxima, acendo uma lamparina a óleo. Resumidamente, ilumina uma imagem da minha família antes de levantá-la o suficiente para ver a hora no relógio.

03:18.

Ugh. Esfrego meu rosto.

Coloco a lâmpada na minha bancada, empurrando as penas, flechas de vidro e pedaços de plástico que cobrem sua superfície.

Olho ansiosa para minha cama. Não há nenhuma maneira de voltar a dormir, o que significa que posso trabalhar na minha última comissão ou posso sair em busca de comida. Olho para as paredes, onde alguns dos meus produtos acabados estão pendurados - os arcos cobertos de óleo e as flechas pintadas pouco visíveis na escuridão.

Armas de salvamento vendem bem nos dias de hoje.

Está escuro demais para ver as fotos penduradas ao lado delas, mas minha garganta aperta com o pensamento das imagens de qualquer maneira. Agora, ainda pensando em eu sonho, não quero

acompanhar as lembranças que assombram meu apartamento.

É muito devastador.

Minhas botas trituram o cascalho solto enquanto percorro as ruas de Jerusalém, carregando meu arco, aljava e a bolsa de lona que usarei para guardar minhas descobertas. Eu tenho uma adaga no quadril e um pequeno machado na bolsa.

Passo por uma mesquita escura, que estará cheia de pessoas quando eu voltar. A sinagoga da rua é escura e sinistra, várias de suas janelas fechadas. Parece tranquilo, como se não possuísse mais o orgulho de antes.

Ninguém mais está fora, a não ser pelo ocasional guarda palestino. Eles me olham severamente, mas me deixam em paz.

A vida nem sempre foi assim.

Posso lembrar vagamente da minha infância. Eu tive uma feliz ou melhor, costumava ter preocupações e isso é quase a mesma coisa. Agora, as preocupações se acumulam como pedras nos meus ombros.

Mas essa vida é menos real para mim do que o sonho com o qual acordei. Toco a pulseira hamsa¹ no meu pulso enquanto olho ao meu redor. O momento em que fico um pouco confortável com o que me rodeia é o momento em que sou atacada.

Não, a vida nem sempre foi assim, mas esta tem sido a minha realidade desde que os cavaleiros chegaram. Posso ver o *Dia Um* em minha mente como se estivesse acontecendo novamente.

Como as luzes da minha sala de aula do quarto ano piscaram quando se apagaram, uma após a outra. Meus ouvidos ainda soam com os gritos dos meus colegas de classe.

Tive a infelicidade de me sentar perto de uma janela, então vi em primeira mão como os carros perderam força, seus corpos de metal colidindo com o que quer que fosse ou quem quer que estivesse mais próximo deles.

Eu vi uma mulher ser atropelada por um carro, os olhos arregalados por aquele único segundo antes do impacto. Às vezes, quando me lembro, é meu pai que vejo e não a mulher.

Eu me pergunto às vezes, se foi assim que aconteceu. Eu nunca vi seu corpo mutilado. Apenas ouvi que foi atropelado por um ônibus, então tudo o que restou não foi uma maravilha.

As pessoas por aqui gostam de dizer que a vida pode mudar instantaneamente e é verdade. Nascimento, morte, quatro homens estranhos aparecendo um dia com planos para destruir o mundo — todas as mudanças instantâneas da vida.

Mas às vezes, a mudança mais insidiosa acontece com o tempo. Porque o primeiro dia terminou e o segundo começou. Esperávamos que todos continuassem vivendo mesmo quando os carros não pudessem ser dirigidos, os telefones não pudessem ligar, os computadores não pudessem computar e tantas vidas amadas foram perdidas. Por fim, essa terrível nova existência precisou se tornar normal. E é assim que a vida tem sido durante a maior parte dos meus vinte e dois anos.

Eu me movo para o oeste através da cidade, passando por um aviário, os pássaros quietos a esta hora. Uma vez, você poderia obter notícias quase instantaneamente. Agora o pombo-correio é a maneira mais rápida de enviar mensagens... e não há garantia de que uma mensagem de saída chegará onde precisa. Os pássaros, afinal, não são tão obedientes e inteligentes.

A noite está quieta. Tem sido assim no último mês. Não que seja sempre particularmente barulhento aqui à noite, mas parece diferente. Você pode sentir a preocupação das pessoas no ar parado.

Deve ser os rumores.

Havia... histórias estranhas do leste, histórias destinadas a assustá-lo quando estivesse encolhido perto do fogo e a noite parecesse especialmente aterrorizante.

Histórias sobre cidades inteiras indo para o túmulo. Sobre ruas cheias de ossos e cemitérios cheios de campos. E através de tudo, Guerra, montando seu corcel vermelho sangue, sua espada no alto.

Não sei o quanto são verdadeiras — hoje em dia muitas coisas são boatos — mas Jerusalém foi mais moderada do que o habitual. Algumas pessoas até fizeram as malas e partiram.

Eu poderia ter sido uma dessas pessoas, se tivesse dinheiro suficiente para chegar onde queria ir. Mas não tenho, então permaneço em Jerusalém.

Quando chego perto das montanhas da Judéia, que ficam nos arredores da cidade, ouço os passos de alguém atrás de mim. Poderia ser a Irmandade Muçulmana, a força policial palestina, um invasor

como eu ou uma prostituta procurando preencher o último de sua cota para noite.

Provavelmente não é nada. Ainda assim, isso não me impede de passar por cima do meu código de sobrevivência, também conhecido como Guia de Miriam Elmahdy para *Permaneça Viva Porra*:

1. Burle as regras — mas não as quebre.
2. Fique com a verdade.
3. Evite conformidade.
4. Ouça seus instintos.
5. Seja corajosa.

Cinco regras simples que, embora nem sempre sejam fáceis de seguir, me mantiveram viva nos últimos sete anos. Eu pego meu ritmo, esperando colocar distância entre mim e o estranho. Menos de um minuto depois, ouço os passos atrás de mim acelerarem.

Solto um suspiro.

Deslizando meu arco do ombro, puxo uma flecha da aljava e a coloco no lugar. Girando, miro na forma escura.

— Siga em frente. — Eu digo.

A figura sombria está talvez a dez metros de distância. Levanta as mãos, avançando um pouco.

— Apenas queria saber o que uma garota como você estava fazendo tão tarde nas ruas. — Grita o homem.

Então, o indivíduo não é uma prostituta e provavelmente não é a polícia. Isso deixa a Irmandade Muçulmana, um membro da gangue local ou um civil comum disposto a pagar pela companhia de uma mulher. Claro, ele também poderia ser um colega procurando roubar minhas descobertas.

— Eu não sou uma prostituta. — Respondo.

— Não achei que você fosse.

Então, não é um cliente confuso.

— E se estiver com a Irmandade. — Eu digo: — Paguei minhas dívidas do mês. — É o custo de se mover pela cidade com impunidade.

— Está tudo bem. — Diz o homem. — Eu não estou com a Irmandade.

Um atacante então?

Ele dá um passo em minha direção. Então outro. Puxo a corda de volta, a madeira do meu arco geme.

— Eu não a machucarei. — Ele diz tão gentilmente que quero acreditar. Mas aprendi a confiar no que as pessoas fazem e não no que dizem, ele não está recuando.

Um criminoso então. Pessoas honestas não apenas falam para se aproximarem, a menos que desejem algo de você. E o que ele quiser, duvido que vá gostar.

— Bem, se você se aproximar mais, irei atirar. — Eu aviso.

Seus passos param e nós dois ficamos ali por vários segundos em um impasse. Ele está parado nas sombras entre os postes de iluminação a gás, então é difícil entender o que está fazendo, mas acho que irá se afastar. Seria a coisa mais sensata a fazer.

Seus passos retomam — um, dois, três...

Eu fecho meus olhos castanhos brevemente. Isso não é a maneira de começar um dia.

O homem começa a acelerar o ritmo enquanto ganha mais confiança de que não atirarei. Ele não sabe que fiz isso antes.

Perdoe-me.

Eu solto a flecha.

Não vejo exatamente onde ela cai na escuridão, mas ouço o suspiro sufocado do homem, então o vejo desmoronar. Por vários segundos fico onde estou. Com relutância abaixo meu arco e caminho até ele, uma mão pairando perto da adaga no quadril.

Quando me aproximo, vejo minha flecha saindo da garganta do homem, seu sangue escurecendo sua pele e o chão abaixo dele. Sua respiração esta ofegante e com dificuldade.

Olho para o rosto dele por vários segundos enquanto ele agarra o projétil. Eu não o reconheço, não que pensei fazê-lo. Acho que é um alívio. Meus olhos vão para a bolsa que ele está carregando.

Agachando, abro e reviro as coisas dele. Corda, um pé de cabra e uma faca. O pacote inicial de um assassinato.

Inquietação me percorre. A maioria das pessoas que fazem coisas ruins tem seus motivos — ganância, poder, luxúria, autopreservação. É irritante cruzar com alguém que planeja machucá-lo não como um meio para um fim, mas como o fim em si.

A respiração sufocante do homem diminui, depois param completamente, o peito fica plano.

Uma vez que tenho certeza de que ele se foi, retiro a flecha do corpo dele, limpo na calça antes de colocá-la de volta na aljava. Ninguém se importará em investigar o que aconteceu. Ninguém será punido e quando o sol estiver alto, o corpo será removido e a cidade logo esquecerá que havia um cadáver na estrada.

Dando ao homem um último olhar, toco o hamsa no meu bracelete e me afasto.

Saio da cidade e entro nas colinas que ficam a oeste, tentando não pensar no homem que matei e no que ele queria. Ou que mal fiz uma pausa antes de matá-lo.

Esfrego minha testa e depois minha boca. A morte está ficando mais fácil. Isso é... preocupante.

Uma vez que fiz o meu caminho para as montanhas, desvio da estrada e para as árvores. O céu está começando a clarear, mudando de cinza para rosado, quando o sol se aproxima do horizonte. Mais acima, na colina, vejo os restos de uma casa, o bloco de concreto e a parede de ferro parcialmente completos antes que seu proprietário abandonasse o projeto.

Eu me movo em direção a ela, a casca de uma casa uma visão

familiar. Mas não é o prédio que procurava tanto quanto as árvores ao redor.

Indo para um pinheiro, pego meu machado e começo a cortar um galho grosso. A madeira aqui faz boas curvas e flechas.

Quinze minutos no meu trabalho ouço... alguma coisa.

Eu paro, meus olhos indo para estrada. Forço meus ouvidos, mas as colinas arborizadas são silenciosas

Esperar.

Ali novamente. O som é quase inaudível. Não posso dizer o que é, apenas que é firme.

Provavelmente um viajante.

Eu vou para a casa vizinha, entrando silenciosamente. Prefiro não entrar em uma escaramuça duas vezes em uma noite.

Dentro da estrutura abandonada, sujeira, folhas velhas e várias pontas de cigarro enchem o chão. Pela aparência do local, foi construído após a chegada — não há tomadas elétricas, nem tubos que possam carregar água corrente. Aqueles luxos que perdemos logo depois que os cavaleiros chegaram e por mais que tentemos, não conseguimos recuperá-los.

Eu me movo para uma janela aberta emoldurada, mantendo-me principalmente as sombras. Sinto-me como uma covarde, me escondendo atrás de uma parede, porque ouvi alguma coisa, mas depois do meu primeiro encontro hoje, melhor ser covarde do que uma mulher morta.

Sempre tão devagar o som fica mais alto, até que consigo distingui-lo distintamente.

Clop. Clop. Clop.

Um viajante montado.

Olho pela janela, o céu agora um tom rosado. Há árvores e arbustos que obscurecem parcialmente minha visão da estrada, então não vejo o indivíduo imediatamente. Mas quando o faço...

Respiro fundo.

Um monstro de um homem sentado em seu corcel vermelho sangue, uma espada maciça amarrada às costas. Há anéis de ouro em seus cabelos escuros e linhas de kohl grossas em seus olhos. Suas maçãs do rosto estão altas e a carranca o faz parecer absolutamente petrificante.

Por um momento, nada do que estou vendo realmente se registra. Porque o que estou vendo está errado. Nenhum cavalo é tão vermelho e nenhum homem tem uma estatura tão impressionante, mesmo na sela.

Bem, se os rumores são verdadeiros, então talvez uma pessoa seja...

Eu começo a tremer.

Não.

Querido Deus, não.

Porque se os rumores sobre a sua descrição são verdade, então isso significa que o homem para o qual estou olhando pode ser realmente *Guerra*.

Meus pulmões param com o simples pensamento.

E se os rumores forem verdadeiros...

Então Jerusalém está ferrada.

Um pequeno ruído sai dos meus lábios e Guerra, se for de fato ele — gira em minha direção.

Eu me abaixo.

Oh meu Deus, oh meu Deus, oh meu Deus.

Um cavaleiro do apocalipse está a vinte metros de mim.

O casco faz uma pausa, depois sai da estrada principal. E de repente, eu ouço o clop-clop-clop deles subindo a colina em minha direção.

Cubro a boca, abafando o som da minha respiração e aperto meus olhos fechados. Posso ouvir o barulho das folhas secas as exalações barulhentas do cavalo.

Eu não sei o quão perto o cavaleiro está antes dele parar. Parece estar fora do edifício, tanto, que se aproximasse da janela eu poderia levantar a mão e acariciar seu cavalo. Os pelos do meu braço se levantam.

O cavalo para e espero que o cavaleiro desmonte.

Poderia ser realmente Guerra?

Mas por que não seria ele? Jerusalém tem sido o epicentro de várias religiões por séculos. É um bom lugar para trazer o fim do mundo — foi até predito que será aqui que o mundo termina no *Dia do Juízo Final*.

Eu não deveria ficar surpresa.

Mas ainda estou.

Depois de um longo minuto, ouço os passos recuando de Guerra — merda, acho que realmente é Guerra e seu cavalo.

Espero até que os passos estejam longe o suficiente antes que eu suspire, uma lágrima de medo escorregue.

Oh meu Deus.

Eu não me movo. Não até que tenha certeza de que Guerra seguiu em frente.

Mas quando penso que ele se foi, ouço mais batidas de casco. Várias batidas de casco. Quem mais poderia seguir o cavaleiro?

Os cascos parecem se multiplicar até começar a soar como um trovão.

Olho por um buraco na janela. O que vejo tira meu fôlego.

Deve haver centenas de cavaleiros na estrada, armados com facas, arcos, espadas e todos os outros tipos de armamento.

Meu coração está cada vez mais rápido e ainda assim continuo

quieta, ainda com medo de respirar alto demais.

Espero que eles passem, mas continuam se aproximando os cavaleiros seguidos pelo que parecem ser soldados a pé e estes seguidos por carroças puxadas por cavalos.

Quanto mais olho, mais os homens passam por mim, até ficar claro que não há apenas centenas de homens, mas milhares deles, todos seguindo Guerra.

Há apenas uma razão pela qual muitos homens armados viajam juntos.

Guerra não está simplesmente chegando a Jerusalém.

Ele está invadindo.

Capítulo Dois

Espero até que todo o exército tenha passado antes de sair do meu esconderijo. Saio do prédio com os pés trêmulos, sem saber o que fazer.

Eu não sou santa. Mas também não sou uma heroína.

Olho para aquela estrada indo para o oeste, na direção oposta ao exército e parece muito atraente. Olho na outra direção, para onde o exército se dirige.

Minha casa.

Saia, a voz da minha mãe diz na minha cabeça, saia com as roupas nas costas e nunca mais volte. Saia e salve-se.

Eu vou para a estrada, deixando para trás os galhos que cortei. Olho para os dois lados — a oeste, longe da cidade e a leste, de volta a Jerusalém.

Esfrego minha testa. *Deus, o que devo fazer?*

Repasso meu código de sobrevivência: Burle as regras, mas não as quebre. Fique com a verdade. Evite comodismo. Ouça seus instintos. Seja corajosa.

Seja sempre corajosa.

Claro, estas são as regras para se manter vivo. Não preciso das regras para saber que ir para o oeste aumentará minhas

probabilidades de sobrevivência enquanto ir para o leste irá diminuí-las. Não deveria ser uma questão — tenho que ir para o oeste.

Mas quando me viro e começo a descer a estrada, meus pés não me levam para o oeste. Em vez disso, marcho de volta para Jerusalém. E de volta a minha casa, o exército e ao cavaleiro.

Talvez seja estupidez ou curiosidade mórbida.

Talvez o apocalipse não tenha arrancado o último pedaço de abnegação de mim.

Ainda não sou santa.

Quando chego à cidade, as ruas já estão vermelhas de sangue.

Pressiono as costas da minha mão na minha boca, tentando encobrir o cheiro doentio da carne que tinge o ar. Preciso contornar os corpos ensanguentados que cobrem as ruas. Muitos dos prédios estão queimando, fumaça e cinzas pairam sobre mim.

À distância, ouço as pessoas gritando, mas bem aqui, bem onde estou andando, as pessoas já foram mortas e o silêncio parece ser uma coisa em si.

Antes que a Nova Palestina se erguesse, os militares de Israel recrutaram a maioria de seus cidadãos. Desde a guerra civil do meu país, não houve recrutamento obrigatório, mas a maioria dos jovens aqui aprendeu a lutar de qualquer maneira. Ao olhar ao redor para todos os cadáveres, percebo que nada disso importa.

Por todo o conhecimento que tinham sobre combates e guerras, ainda estão mortos.

Na verdade, o que estava pensando voltando aqui?

Meu aperto no arco agora fica mais forte. Pego uma flecha e coloco.

Sequer deveria me importar em salvar estas pessoas. Depois de tudo o que os muçulmanos fizeram com os judeus e os judeus fizeram com os muçulmanos, o que todos fizeram aos cristãos e os drusos, qualquer outra seita religiosa minoritária, você pensaria que eu ficaria feliz em deixar tudo queimar até o chão.

Todas as religiões querem a mesma coisa — salvação. Eu posso ouvir a voz do meu pai como um eco do passado. *Somos todos iguais.*

Eu ando mais e mais rápido pelas ruas, minha arma pronta. O lugar foi varrido. Mais estruturas estão em chamas, mais corpos estão espalhados pelas ruas.

Cheguei tarde demais. Tarde demais para a cidade e tarde demais para o povo.

Alguns quarteirões a mais e começo a ver pessoas vivas. Pessoas que estão fugindo. Uma mulher corre com o filho nos braços. Dez metros atrás dela, um homem montado a persegue.

Sequer penso antes de levantar meu arco e disparar a flecha.

Atinge o quadrado no peito, a força derrubando-o de seu cavalo.

Eu olho por cima do meu ombro a tempo de ver a mulher e seu filho entrarem em um prédio.

Pelo menos estão seguros. Mas há tantos outros que estão lutando por suas vidas. Eu pego uma flecha, coloco e atiro. *Agarre, arrume, dispare.* Novamente. Alguns dos meus disparos erram, mas sinto uma onda de satisfação por estar conseguindo pegar qualquer um desses invasores.

Eu tenho que me abaixar enquanto continuo pelas ruas. As pessoas estão inclinando-se para fora de suas janelas, jogando todos os itens que podem neste exército estranho. Ao me mexer, vejo um homem sendo empurrado da sacada. Ele pousa em um toldo em chamas abaixo. O último que ouço dele são seus gritos.

Em algum momento, alguns dos soldados invasores reconhecem que sou uma ameaça. Um deles aponta o seu próprio arco e flecha para mim, mas ele está a cavalo e seu tiro vai longe.

Agarre, arrume, dispare.

Acertei seu ombro. *Agarre, arrume, dispare.* Desta vez minha flecha atinge seu olho.

Precisa de mais flechas. E outras armas, para esse assunto.

Eu vou em direção a minha casa, que fica a vários quarteirões de distância, sussurrando uma prece sob a minha respiração para que não fique sem flechas antes de chegar lá. Carrego uma adaga, mas não sou páreo para um adversário maior e a maioria desses soldados são apenas isso — grandes oponentes.

Demora cerca de trinta minutos para chegar ao meu lugar. Eu moro em um prédio condenado — não que alguém vá derrubá-lo tão cedo. Ele sofreu alguns danos durante os combates há alguns anos e a

maioria das pessoas se mudou como resultado. Eu não fiz. Chame-me de sentimental, mas foi onde eu cresci.

Quando me aproximo, a entrada está pegando fogo.

Porra, por que não pensei nisso?

Eu olho a estrutura. É feito principalmente de pedra e além da entrada, parece tudo bem. Mordo o lábio.

Tomando uma decisão, corro para dentro. Não três segundos depois que o faço, a parte da frente desmorona, me prendendo.

Merda. Precisarei sair por uma janela ou esperar que a antiga escada de incêndio funcione.

Uma vez que estou dentro, corro pela escada até o meu apartamento, tossindo com a fumaça. Diminuo quando avisto meu apartamento. A porta da frente está entreaberta.

Filho da puta. Alguém já deve ter tido a mesma ideia que eu. As pessoas por aqui sabem que eu faço armas.

Eu entro e o lugar está uma bagunça. Minha estação de trabalho foi derrubada. Ao longo das prateleiras, as facas, espadas e punhais, arcos e aljava, maçãs e flechas que guardei cuidadosamente quase todos foram removidos.

Eu não paro para vasculhar através deles. Correndo para o quarto, levanto meu colchão. Abaixo, dezenas e dezenas de flechas e uma adaga sobressalente.

Deixando cair a minha sacola de lona no chão, pego as flechas e

enfio o máximo que posso. Então pego um punhal embainhado e rapidamente o prendo em mim.

Depois que estou armada, desço a escada. Chutando a porta de um dos apartamentos que sei que está abandonado e entro. As janelas aqui estão praticamente intactas, preciso pegar uma cadeira descartada e esmagá-la contra o vidro para que se estilhace.

Derrubando os últimos cacos, saio e corro para a briga mais uma vez.

Não é até que estou fora da Cidade Velha que vejo Guerra.

E ele está bem. Não acreditei em meus olhos quando o vi pela primeira vez, mas agora, banhado pelo sangue de suas vítimas, seus olhos brilhando como ônix, não há como ele ser qualquer outra pessoa.

Ele está montado em seu cavalo no meio da estrada, seu corcel agitando o chão. A criatura é tão temível quanto todas as histórias prometidas seriam.

Guerra observa a carnificina ao redor dele, parecendo muito satisfeito com os resultados. Encaixando uma flecha no arco, miro no cavaleiro à minha frente.

Aponto para o peito. Qualquer outra coisa é muito provável que erre completamente.

A cabeça de Guerra se vira para mim, quase como se ouvisse minhas intenções sussurradas ao vento.

Merda.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "War Laura Thalassa"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).